

UM RECORTE EM UM FLUXO DE COEVOLUÇÃO

Maria Everalda Almeida Sampaio

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/ USP)

Eixo Arte

Resumo

A partir da Teoria Corpomídia, esta comunicação faz um recorte no tempo e no espaço de uma praça no centro de São Paulo, em um momento específico de um surto psicótico de uma doente mental, e procura observar o fluxo de coevolução que aconteceu no “corpouco”, no “eucorpo” e no ambiente, nas inter-relações do dentro e do fora em cada um e entre eles. Trata-se de um olhar específico a este período de tempo, utilizando os mesmos instrumentais da pesquisa de doutorado intitulada “Dramaturgia de uma nau de loucos: uma possibilidade cênica”. O texto aqui apresentado não faz parte do resultado cênico da pesquisa “Nau do Asfalto”.

Introdução

Tudo teve início quando percebi a presença de um corpo diferenciado morando nas ruas de São Paulo. Não era o do catador de recicláveis, nem o do morador de rua, nem o do viciado em drogas. Era o do doente mental, o qual foi nomeado, por mim, de “corpouco”.¹ Esta observação me trazia angústia, vergonha e inquietação e, por isso, resolvi tomar uma atitude, levando essa percepção da realidade ao palco.

Em 2010, no Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica do Ator/ Cepeca,² sob a orientação do Prof. Dr. Armando Sérgio da Silva, comecei o desafio. O Centro é um espaço democrático e irreverente, onde semanalmente os seus

1

Corpouco é o corpo do indivíduo considerado insano. Optei por esta grafia, para iniciar um diálogo com o *Corpomídia*. Criei este conceito em 2009, para identificar o corpo do portador de doença mental que vive nas ruas de São Paulo. Naquela ocasião, o termo foi inventado com base no meu imaginário infantil. Posteriormente algumas pessoas questionaram-no, mas optei por continuar utilizando-o, porque ao tomar esta decisão, exponho um rastro de minha cultura e os limites em relação ao tema.

2

CEPECA: tudo teve início em 2006, quando o Prof. Dr. Armando Sérgio ministrou a disciplina *Exercícios específicos para o ator I e II*, no primeiro e segundo semestres daquele ano, respectivamente. Em 2007, os alunos montaram o espetáculo *Um Ônibus chamado S... P...*, (*Sem pudor*) e, em seguida, surge o CEPECA, sempre sob a orientação do professor Armando. Id. *Ibid.*

integrantes expõem, debatem e refletem sobre suas criações, teóricas e práticas, projetos de mestrado e doutorado. Até onde sabemos, é o único Centro de Pesquisa em Artes Cênicas do Brasil, da América Latina, e talvez do mundo, com essas características.

Para desenvolver esta pesquisa, venho utilizando os mesmos procedimentos metodológicos do Cepeca, onde teoria e prática caminham lado a lado da apresentação contínua dos resultados alcançados; exercita-se a experimentação, errando e reinventando a cena; ouve-se e aprende-se com o trabalho do outro. Esta pesquisa é um trabalho intrínseco ao Cepeca.

Além das interlocuções do meu orientador e dos cepecanos, referente ao trabalho do ator/criador-intérprete, a pesquisa recebe a coorientação da Prof.^a Dra. Helena Katz, que ao lado da Prof.^a Dra. Christine Greiner, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUCSP, elaborou a Teoria Corpomídia. Esta tem seus pilares na semiótica peirceana, darwinismo e Neurociência, e fundamenta a relação mútua entre o *corpoulouco*, esta pesquisadora e o ambiente urbano.

É dessa relação entre *corpoulouco*, *Oficina da Essência*, Teoria Corpomídia e todas as demais práticas e teorias que sejam necessárias para dar conta da complexidade da criação cênica, que estou construindo a *Nau do Asfalto*, resultado cênico da pesquisa. Nesta comunicação, reitero, estou fazendo um recorte de um momento específico, que não pertence à *Nau do Asfalto*, com o objetivo de refletir a partir da Teoria Corpomídia, sem a profundidade merecida, e ciente dos meus limites, o que ocorreu nos corpos envolvidos e naqueles três minutos, naquela praça.

Considerando que o corpo se constitui como a mídia dos processos em curso, segundo Katz e Greiner, esta comunicação pretende refletir sobre a correlação entre “eu-corpo”³, o “corpoulouco” e o ambiente urbano, a partir da Teoria Corpomídia. O assunto está inserido no projeto de doutorado *Dramaturgia de uma nau de loucos: uma possibilidade cênica*.

3

O conceito é utilizado na Teoria Corpomídia (Somos nossos corpos, não somos em nossos corpos), e, por mim, da mesma forma, no lugar de “meu corpo”, “eu-corpo”.

Comecei a observar o movimento do *corpouco* e seus discursos, provoquei uma correlação com os anteparos – elementos cênicos que protegem o intérprete em cena (SILVA, 2010), e, aos poucos, fui criando as dramaturgias da encenação e do intérprete.

A observação diária foi identificando padrões:

- 1) este corpo geralmente carrega sacolas e sacos plásticos, carrinhos de feira e de supermercado, na maioria das vezes, bastante deteriorados, mochilas e malas velhas cheias de sucatas;
- 2) anda sozinho, fala consigo mesmo ou com um alguém imaginário;
- 3) repete alguns movimentos por muito tempo, sem demonstrar cansaço,
- 4) pode se vestir de maneira criativa, e diferenciada;
- 5) tem um olhar distante, que parece perdido em certos momentos;
- 6) o andar também traz algumas particularidades, parece sem data nem hora;
- 7) existe a possibilidade dele ter um surto psicótico em pleno espaço público.

É imprescindível deixar claro o respeito que procuro ter por estas pessoas. A meu ver, a questão não se resolve no fato de utilizar ou não o termo politicamente correto para nomeá-las, mas em colaborar com a melhoria da sua situação de vulnerabilidade.

O recorte

Passei por três telefones públicos acoplados, um deles para deficiente, e ouvi uma voz feminina falando muito alto. Parei, olhei para trás e vi que essa mulher estava em um surto de pequena intensidade, falando ao telefone com alguém imaginário. Tive vontade de ouvir o que ela dizia. Coloquei pilhas no gravador e fui até o telefone público da cabine ao lado do dela e gravei. Segue o texto sem nenhuma correção:

Agora mesmo estão me roubando, agora mesmo tá me caluniando, agora mesmo é a minha casa. Vai lá ver, vai lá ver, dia e noite, é dia e noite gente me perturbando. Eu não tive do governo o apoio? Por que que eu daria? O Lula, a minha família não precisou de mim pra, pra, pra, pra botar farda. Farda é farda, agulha é paga, a bala é paga, até injeção é paga. Paga pra você. Olha, não me venha colocar cadeira de roda na minha frente, nós sabemos que o regulamento cristão

não aceita alejado. Tem alejado, tem cego, tem gente podre de sujeira, tem preto de cor preta sabendo que eles roubaram a minha música. O brasileiro não é nordestino, o brasileiro não é nordestino, o brasileiro não é islâmico. Olha, eu to de saco cheio, é melhor resolver, mas não é saco de presente, é saco de... É saco de nervoso, porque as mães dessas, dessas pessoa, elas são prostitutas. Você sabe que é isso, sabe que eu sou acusada de ser puta por causa da minha avó de 114 ano. Mas você sabe disso. Eu avisei pro nosso filho. Avisei. São 13 anos, a minha filha mora na Vila Maria, e eu não vejo por causa das prostituta. Agora mesmo eu to levando descarrego, mas é de polícia militar, porque eles come buceta lá por... E vem me fazer desaforo. É isso mesmo. Tráfico do Mathias não é meu, tráfico da Lisa não é meu, tráfico disso ou daquilo não é meu. Presta atenção, devolva a minha propriedade. Eles pegaram a minha máquina de costura e costura bolsas e coisas e passa na minha cara. Eu tenho vontade de pegar uma arma e dá um tiro na cara deles. Porque agora mesmo, eu tô serviço de limpeza de buceta. Eles dão risada da minha cara. Será que o senhor não vê, se amanhã ou depois eles derem risada da cara da minha filha, eu sou capaz de pegar uma arma e atirar? De tanto nervoso de limpeza de cú. Porque você sabe, você sabe que o meu filho não fuma maconha.⁴

Corpomídia

Nenhuma ciência conhece tudo sobre a mente humana, ainda estamos longe dessa possibilidade, por mais que já se tenha estudado. A complexidade de sua engenharia é ainda imensurável, porém o que percebi no “eu-corpomídia”, as

4

Este texto foi dito por uma portadora de doença mental na Praça Desembargador Mário Pires. Foi transcrito sem nenhuma alteração. Eu não sei o nome dela, e, naquele momento, não havia condições para perguntar. Estou recorrendo ao seu discurso falado em praça pública, para refletir sobre a situação do portador de doença mental que mora nas ruas de São Paulo e oferecer o meu resultado cênico do doutorado, *Nau do Asfalto*, no debate sobre esta realidade.

informações captadas, as conexões que fiz, sem planejamento, com certeza ocorreram, e pouco consegui reter em minha memória.

A escala temporal para a produção de impulsos é extremamente pequena, da ordem de décimos de milésimos de segundo — o que significa que, num segundo da vida de nossas mentes, o cérebro produz milhões de padrões de impulsos numa grande diversidade de circuitos distribuídos por várias regiões do cérebro (DAMÁSIO, 1996).

Enquanto eu gravava, sentia medo, ficava constrangida pelo cenário imposto, percebia os olhares dos transeuntes em relação ao discurso daquela mulher, outros estranhavam o fato de eu estar gravando. O ar era tenso. Parece que o tempo ficou suspenso por quase três minutos enquanto durou a gravação. Tenho na memória a cena: os jardins da praça, a banca de jornal, alguns olhares, cores das plantas, cheiros, vozes, barulhos, calor, sol, sombras, três telefones públicos, um deles para deficiente físico, ponto de ônibus, muitos carros, muitas pessoas, cruzamento de ruas, semáforos de pedestre e carro. Tudo isso está sendo modificado e modificando permanentemente todos os corpos envolvidos e o ambiente, e tudo é mídia de si mesmo.

Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos (KATZ, 2006).

O corpo está sempre se atualizando, se transformando, mas não deixa de ser corpo. Se o corpo não é um recipiente, não é um lugar de guardar objetos, ao vivenciar a experiência da gravação, como qualquer outra, “eu-corpo” recebeu informações que foram aceitas e passaram a fazer parte do fluxo ininterrupto de atualizações que definem o corpo. Estas informações foram transformadas em corpo, porque passaram por um processo de coevolução entre corpo e ambiente.

Cabe destacar que coevolução não é sinônimo de interação, simbiose ou mutualismo. Coevolução é a mudança na composição genética de uma espécie (ou grupo) como resposta a uma mudança genética em outro/a. [...] Trata-se da idéia de uma mudança evolutiva recíproca. (<http://biomed.brown.edu/> citado por Katz.(KATZ, 2010, p. 21).

O corpo não pode ser enquadrado em um padrão hegemônico ditado pela

moda e pelos meios de comunicação. Cada corpo possui suas particularidades, as quais sabiamente deveriam ser respeitadas e reconhecidas por seu “eu-corpo”. O corpo submetido ao modelo ditado torna-se frágil, um corpo dócil.

Segundo Foucault (1997), é este corpo

que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 1997, p. 117).

A meu ver, o “corpolouco” escapa dessas amarras impostas, seja qual for a origem delas, por isso ele constrange, surpreende, assusta, suspende a imposição. “Eu-corpo” estou enquadrada na forma de andar, falar e comportar-se de acordo com o ambiente. Já o “corpolouco” se coloca fora de qualquer modelo socialmente estabelecido, mas não escapa do fluxo de coevolução no dentro, no fora e entre o dentro e o fora com o ambiente, porque o fluxo ocorre independente do nosso querer.

A sobrevivência de qualquer espécie no mundo depende do seu sistema sensorio. Certamente não paramos para pensar sobre o tempo que levamos para aprender a ver, andar, falar, ouvir, manusear e sentir. Parece que sempre soubemos fazer tudo, mas para cada uma dessas atividades foi necessário um bom tempo para adquirir a técnica capaz de proteger a vida.

O processo de percepção só pode ser entendido como produto da cooperação entre os milhões de neurônios que se encontram espalhados pelo córtex cerebral. Os agrupamentos de neurônios trocam, abrupta e simultaneamente, um padrão determinado, mesmo um padrão complexo, por outro, ao mais ínfimo dos estímulos. Tais trocas ocorrem dentro de um sistema caótico. O caos descreve um comportamento complexo, que apenas na sua aparência se mostra aleatório, pois que, efetivamente, apresenta uma ordem embutida. Há suposições de que o caos é que possibilita ao cérebro a flexibilidade de responder ao mundo externo e a gerar novos padrões de atividades, inclusive, criando ideias novas (KATZ, 1999, p. 107).

Cabe lembrar, que a percepção singular de cada corpo, o faz ver o mundo de uma perspectiva, que vai diferir da perspectiva do outro. Sendo assim, quando

observo o “corpoulouco”, penso exatamente sobre a sua percepção, pois esta depende do tipo de experiência que cada um tem desde antes do nascimento. Essas experiências foram sendo agregadas e acordadas, com o que já existia em “eu-corpo”, e se tornaram corpo. De que maneira isso ocorre?

Muitas moléculas entram e saem da célula, em contrapartida, outras não podem fazê-lo. Mas a célula não é um recipiente contenedor. Ao contrário, ao entrar uma molécula dentro dela, passa a fazer parte da organização celular. As moléculas não recebem vida porque a vida não é uma propriedade das moléculas em si. A vida se relaciona com a organização, com a rede de relações e as propriedades emergentes da interação. No entanto, atravessar uma membrana implica em uma transformação da rede de relações e gera uma transformação da identidade (que já não pode ser pensada em si e por si mesma, mas em um emaranhado relacional coevolutivo). (NAJIMANOVICH, 2001, p.24-25).

Eu não sei o nome dessa mulher, não sei onde ela mora, não sei nada a seu respeito. Já a vi várias vezes perambulando, sempre sozinha, falando com alguém imaginário ou a quem não lhe dá atenção. É uma solidão extrema, pois todo ser humano deseja amar e ser amado. As cenas e os depoimentos que tenho observado, ao longo da pesquisa do doutorado, são estarrecedores.

Bibliografia

DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder*. Tradução: Augustin de Tugny; Oswaldo Teixeira; Ruben Caixeta. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *História da loucura*. Estudos, nº 61. São Paulo: Perspectiva, 1989.

GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2004.

_____; KATZ, Helena. *Corpo, dança e biopolítica: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia*. [artigo científico]. 2011. Anais do II Encontro Nacional de Dança, n. 2, dez. 2011. Disponível em: < www.portalanda.org.br >. Acesso em: 29 dez. 2011.

_____; _____. Corpo e processos de comunicação. *Revista Fronteiras*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 66-74, 2001.

_____; _____. GREINER, Christine (Org.). Por uma teoria do Corpomídia. In: *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2004.

KATZ, Helena. Entre a carne e a razão. *GESTO REVISTA DO CENTRO COREOGRÁFICO DO RIO*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 30-35, dez. 2002.

_____. Conferência Internacional (Org.). *A cena da origem na origem da cena*. In: ACTAS DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL/ Dança, Cursos e Discursos, 1999, São Paulo: MH Edições, 1999, p. 107-109.

_____. FREIRE, Ana Luiza Gonçalves. (Org.). Corporeidade do século XX. In: Congresso Nacional de Dança, I, 2002, Porto Alegre, ANAIS DO I CONGRESSO NACIONAL DE DANÇA, Porto Alegre: Movimento, 2002, p. 87-91.

_____. LEÃO, Lucia. (Org.). *Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia. (Org.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008.

_____. RENGEL, Lenira; THARALL, Karin. (Org.). *Corpomídia não tem interface: o exemplo do corpo-bomba*. São Paulo: Anadarco Editora & Comunicação, 2010.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. Tradução de Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SILVA, Armando Sérgio da. et al. *CEPECA: uma oficina de PesquisAtores*. São Paulo: Associação dos Amigos da Praça, 2010.